Performances identitárias de nordestinos: como podemos dizer?

Autoria: ANA CRISTINA LOBO SOUSA - - -

Resumo: Os estudos sociolinguísticos há muito nos ensinam que a variação é constitutiva da linguagem e que há, em linha geral, diferenças diatópicas (distribuídas no espaço geográfico), diastráticas (distribuídas no espaço social), diafásicas (distribuídas por contexto) e diamésicas (distribuídas por gênero textual) (COEN, 2010). Para além disso, vivemos em um tempo de mestiçagem, hibridismos e superdiversidade (MOITA LOPES, 2013), no qual os grupos sociais interagem com diferentes registros, estilos e gêneros em seus usos cotidianos cada vez mais hipersemiotizados em fronteiras porosas digitais. No entanto, em redes sociais na internet, grupos parecem fortalecer suas identidades por meio de variações cada vez mais uniformes e estilizadas, as quais provocam tanto o enaltecimento de um povo quanto preconceitos e estigmas. Assim, indagamos como as práticas de linguagem de nordestinos em fanpages do Facebook refletem a superdiversidade que é constitutiva desse grupo social? Parece haver um modo caricaturado e estilizado de dizer-se nordestino, privilegiando alguns usos linguísticos em detrimento de outros. Por esse motivo, nosso objetivo é compreender o modo como se constroem as identidades corpóreo-discursivas de nordestinos nas fanpages “Nação nordestina” e “Nordestinos” da rede social Facebook, considerando-se as relações que podem ser estabelecidas entre ideologias linguísticas e a estabilidade/mobilidade de suas performances a partir do registro de sua variação linguística. Ao voltarmos nosso olhar para a construção identitária de nordestinos em redes sociais, consideramos que eles constroem textos plurissemióticos permitidos pelos sistemas tecnológicos e exemplificam o que sabem sobre essa linguagem (metapragmática) (SILVERSTEIN, 2003) para o processo de sua(s) própria(s) identidade(s). Entretanto, parecer reforçar uma unidade linguística em vez de diversidade. Tal investigação permite-nos um olhar crítico no ensino de língua portuguesa que discuta variantes estigmatizadas (BORTONI-RICARDO, 2004) evitando-se, assim, uma avaliação negativa de pessoas por meio de seus modos de dizer/escrever em ambiente digital.